

PARA ALÉM DO CURRÍCULO PRESCRITO

Sonara da Silva de Souza
profa.sonara@yahoo.com.br¹

Resumo

O presente trabalho tem o intuito de descrever uma prática de ensino de Geografia ocorrida no final do ano letivo de 2015 e efetivada com a participação dos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Deputado José Costa, em Serrana / SP. A experiência relatada se embasou nos ideais do Filósofo e Pedagogo John Dewey sobre Pedagogia por Projetos e constituiu-se como uma situação de aprendizagem bastante diferenciada das propostas descritas no material de apoio “Caderno do Professor” do Currículo do Estado de São Paulo. O projeto teve como propósitos ampliar as relações entre escola e comunidade, desenvolver habilidades de cooperação, oralidade, organização e criatividade além de incentivar a construção e a sistematização de conhecimentos geográficos a partir de atividades diferenciadas e dinâmicas.

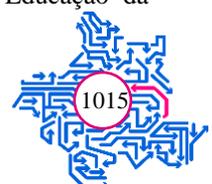
Palavras-chave: Pedagogia por Projetos, prática de ensino, Geografia.

Introdução

“Devido a seu contínuo ressurgir, não há brechas, juntas mecânicas, nem pontos mortos, quando temos uma experiência.” (John Dewey)

A experiência que se relata no presente trabalho foi efetivada como uma prática de Ensino de Geografia, no 4º bimestre de 2015, na Escola Estadual Deputado José Costa, em Serrana / SP. Período em que a escola contava com 4 turmas para cada uma das séries do Ensino Médio, no turno da manhã, totalizando 12, com aproximadamente 40 alunos em cada uma, tendo em comum a mesma professora de Geografia. Foi idealizada e realizada pela autora deste trabalho, com o respaldo da gestão da escola e colaboração do corpo docente e participação efetiva do corpo discente. A intitulada “I Feira de Geografia JC” teve como propósitos ampliar as relações entre escola e comunidade, desenvolver as habilidades de cooperação, oralidade, organização e criatividade além de incentivar a construção e sistematização de conhecimentos geográficos a partir de uma prática de ensino dinâmica.

¹ Professora de Geografia da Educação Básica na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, membro do Grupo de Estudos da Localidade (ELO) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP.



O impulso para a realização do diferente

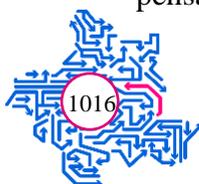
Enquanto estudante na educação básica tive a oportunidade de vivenciar o desenvolvimento de projetos de grandes Feiras Culturais que ocorreram na escola periférica onde cursei o Ensino Médio. Era uma escola que atendia a um público relativamente grande para uma cidade pequena pois, contava com aproximadamente 17 salas de aula que funcionavam em três turnos (manhã, tarde e noite). Participar ativamente como aluna destas Feiras me fez protagonista do meu ser enquanto docente.

Como professora de Geografia que completava 9 anos de carreira me deparei com várias situações em que, apesar de trabalhar com aulas dialogadas, incentivando a participação dos alunos, o interesse em compreender conceitos geográficos intensamente presentes em seus cotidianos era insuficiente. Então, refletindo sobre o amadurecimento e aprendizado que obtive a partir da participação nas Feiras Culturais enquanto aluna, considerei a experiência vivida para realizar um projeto diferente, com o intuito de estimular o interesse dos alunos em relação aos temas da Geografia.

Souza e Zanatta (2006, p. 78)) ao discutirem sobre a prática de ensino se pautam em Bourdieu e consideram como resultado de suas pesquisas que:

orientações de caráter subjetivo, vinculadas ao passado dos professores, se encontram presentes em suas práticas. Tal passado está relacionado a estrutura das escolas em que estudaram ou que conheceram. Existe, portanto, algo interiorizado no professor que lhe permite uma ação que não contraria as normas reguladoras da escola e, ao mesmo tempo, possibilita uma ação própria do professor. Bourdieu define isso como ação mediada pelo habitus.

Partindo da concepção de prática interiorizada por participações vividas no decorrer da educação básica, a prática que se relata neste trabalho se fundamentou também nos ideais de John Dewey (1859-1952). Um filósofo norte-americano que defendia a democracia e a liberdade de pensamento como instrumentos para a maturação emocional e intelectual das crianças. Influenciou educadores de várias partes e no Brasil, inspirou o movimento da Escola Nova, liderado por Anísio Teixeira, ao colocar a atividade prática e a democracia como importantes ingredientes da Educação. A revista Escola Nova Especial (2009, p. 62) explicita que o princípio do pensamento de Dewey “é que os alunos aprendem melhor realizando tarefas associadas aos conteúdos ensinados.” Com isso, as atividades manuais e criativas ganharam destaque no currículo e as crianças passaram a ser estimuladas a experimentar e pensar por si mesmas. Tais práticas foram denominadas como Pedagogia por Projetos.



A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEESP) desenvolveu, em 2008, o Programa São Paulo Faz Escola e implementou o Currículo do Estado de São Paulo, em 2009, com a distribuição do Currículo dividido por áreas do conhecimento para todos os professores e dos materiais de apoio “Caderno do Professor” e “Caderno do aluno”. O Currículo de Ciências Humanas e suas tecnologias é composto pelos Currículos de História, Geografia, Sociologia e Filosofia, além disso conta com a apresentação do Currículo do Estado de São Paulo e de sua concepção de ensino na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Na apresentação Currículo é exposto como:

a expressão do que existe na cultura científica, artística e humanista transposto para uma situação de aprendizagem e ensino. Precisamos entender que as atividades extraclasse não são “extracurriculares” quando se deseja articular cultura e conhecimento. Nesse sentido, todas as atividades da escola são curriculares; caso contrário, não são justificáveis no contexto escolar. Se não rompermos essa dissociação entre cultura e conhecimento não conectaremos o currículo à vida – e seguiremos alojando na escola uma miríade de atividades “culturais” que mais dispersam e confundem do que promovem aprendizagens curriculares relevantes para os alunos. (SÃO PAULO, 2012, p. 11)

Segundo Sacristán (2000, p. 17) Currículo é a “expressão do equilíbrio de interesses e forças que gravitam sobre o sistema educativo num dado momento, enquanto que através dele se realizam os fins da educação no ensino escolarizado.” Assim, um Currículo prescrito estabelece em sua implementação os objetivos e interesses de quem o formula na formação dos cidadãos. No caso do São Paulo Faz Escola, tal Currículo foi pautado em resultados obtidos em uma avaliação externa, o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP. E se molda através dos materiais de apoio “Caderno do Professor” e “Caderno do aluno” com as Situações de Aprendizagem que, no “Caderno do Professor” são descrições de atividades sugeridas ao professor para que este, ao cumprir as estratégias descritas, sejam capazes de desenvolver as devidas competências e habilidades para todos os alunos em uma determinada aula. Porém, Meloni (2013, p. 103) considera que há

necessidade da reconstrução do Currículo de Geografia em sala de aula pelos professores a partir da realidade escolar vivenciada, para ocorrer o desenvolvimento de uma prática de ensino que leve os alunos a pensar e a repensar sobre as relações presentes no espaço geográfico, responsáveis pela sua configuração e transformação.

Portanto, partindo de um posicionamento político e pedagógico para além do Currículo prescrito, realizamos a “I Feira de Geografia JC”, recorrendo a metodologias de



ensino diferentes das descritas no “Caderno do Professor”, mesmo que seguindo a matriz curricular de conteúdos.

Os primeiros passos

Para incentivar os alunos das 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio da E.E. Deputado José Costa foi pensado e organizado o projeto que se efetivou na data de 13 de novembro de 2015, após discussão com o grupo gestor sobre as etapas do projeto, assim como sua avaliação e a possibilidade da presença da comunidade. Com a aprovação da ideia e o respaldo da gestão, a “I Feira de Geografia JC” saiu do papel e passou a ser discutida nas aulas a fim de se concretizar na data agendada.

Seu desenvolvimento

A “I Feira de Geografia JC” não teve um tema central. Os temas foram divididos e distribuídos entre os grupos de alunos segundo as exigências do Currículo do Estado de São Paulo para o segundo semestre. Sendo assim, para a 1ª série do Ensino Médio foram distribuídos temas relacionados à “Estruturas e formas do planeta Terra: os movimentos e o tempo na transformação das estruturas da Terra”, “Estruturas e formas do planeta Terra: os movimentos da crosta terrestre”, “Estruturas e formas do planeta Terra: a produção das formas da superfície terrestre”, “Riscos em um mundo desigual: desastres naturais e prevenção”, “A distribuição das formas vegetais: a questão da biodiversidade”. Para a 2ª série do Ensino Médio os temas distribuídos se relacionavam à: “Matrizes culturais do Brasil”, “A dinâmica demográfica”, “O trabalho e o mercado de trabalho”, “A segregação socioespacial e a exclusão social”, “A tectônica de placas e o relevo brasileiro”, “As formas de relevo brasileiro e as funções das classificações”, “Águas no Brasil, gestão e intervenções” e “Gestão dos recursos naturais”. E para a 3ª série do Ensino Médio os temas estavam relacionados a “Continente africano”, “África e Europa”, “Os fluxos materiais”, “Fluxos de ideias e informação”, “As cidades globais”, “O terror e a guerra global” e “A globalização do crime”. Foram distribuídos 6 subtemas por turma, sendo diferentes um do outro.

Todos os trabalhos foram avaliados e os discentes necessitavam atender à 5 requisitos. O primeiro dentre eles foi o “Diferencial”, que consistia na apresentação de um objeto que os apoiasse na explicação de seu tema aos visitantes. O objeto poderia ser produzido por outrem



ou pelo grupo e foi incentivado o uso de materiais recicláveis. Este requisito foi avaliado como atividade em grupo.

Outro requisito para a exposição do trabalho foi a “Apresentação Oral”, etapa na qual os alunos demonstravam domínio de conhecimento sobre seu tema e sobre a organização de ideias para as expor de forma clara aos colegas e visitantes. Pelo fato de receber a comunidade, para que todos se recordassem de tal momento de aprendizagem, cada grupo precisava elaborar uma “Lembrancinha”, isto é, encontrar alguma forma para que os visitantes se lembrassem de seu trabalho. Foi dada a sugestão para que produzissem marcadores de livros ou ímãs de geladeira tendo por referência seus temas. No entanto, a criatividade foi muito incentivada para a realização desta atividade, que foi avaliada em grupo.

Para que as etapas descritas anteriormente fossem realizadas, os grupos necessitavam realizar a pesquisa sobre seu tema. A mesma deveria ser entregue ao professor, manuscrita ou impressa, contendo a capa, a introdução e a conclusão como textos autorais, o conteúdo da pesquisa e as referências. Esta atividade foi avaliada em grupo e teve o intuito de trabalhar a produção de textos a partir da discussão entre os integrantes do grupo e sua compreensão sobre o tema. Com a mesma intenção foi pedido para que os alunos elaborassem em grupo um relatório sobre os trabalhos observados das turmas de mesma série, expressando o conhecimento que obtiveram a partir da apresentação de outros colegas.

Considerações finais

Martins apud Springer e Soares (2008, p. 790) elencou algumas características positivas na aplicação da Pedagogia por Projetos:

a) cria estratégias para melhorar a aprendizagem baseada nas descobertas significativas feitas pelos próprios alunos; b) diversifica as situações de aprendizagem, tornando-a mais dinâmica, uma vez que considera o aluno como centro do processo educativo e agente da própria formação na função investigativa; c) supera as práticas de ensino habituais e tradicionais pela criação de novos instrumentos pedagógicos que envolvem mais a participação dos alunos; d) constrói conhecimentos novos pela atualização e pela transformação dos saberes procedentes do senso comum acrescidos por conteúdos disciplinares mais bem tratados e por informações advindas dos meios de comunicação; e) favorece a interdisciplinaridade de conteúdos pela realização de tarefas e atividades voltadas para a aprendizagem participativa; f) provoca mudanças na escola, nas atitudes dos professores, na motivação do trabalho dos alunos, para que haja uma renovação mais efetiva na aprendizagem.



Destarte, todos os itens puderam ser verificados durante a “I Feira de Geografia JC” assim como posteriormente pois, a partir de uma nova estratégia os alunos aprenderam de forma significativa com outros alunos, desenvolvendo as habilidades de cooperação, construção e sistematização dos conceitos geográficos; a situação de aprendizagem se diversificou do que está descrito no material de apoio “Caderno do Professor”, levando a um maior percentual de alunos a participarem do evento; foi uma prática que envolveu por completo a participação dos alunos, afinal sem a produção de cada grupo a Feira não se realizaria, ademais recebeu elogios de professores de Geografia de outras escolas estaduais que visitaram a Feira, que considerou a oralidade e a postura dos alunos como admirável; favoreceu a interdisciplinaridade, principalmente entre Geografia, Artes e Biologia; provocou mudanças na escola a ponto de, durante a reunião de planejamento ocorrida em janeiro de 2016, ser discutida a possibilidade de se realizar uma Feira Cultural que envolva toda a escola, em ambos turnos de funcionamento (manhã e tarde), aberta para a comunidade, pois o corpo docente percebeu quão efetivo foi o trabalho do corpo discente. Por conseguinte, muitos alunos pediram para que haja outra Feira de Geografia na escola neste ano letivo (2016), pois querem realizar um trabalho “melhor” que do ano passado. Afinal, agora já vivenciaram uma experiência de prática e que é centrada em sua produção, se percebe um ser ativo em sua aprendizagem, não apenas um receptor de informações.

Referências bibliográficas:

DEWEY, John. O pensador que pôs a prática em foco. **Revista Nova Escola**, São Paulo, Edição Especial Grandes Pensadores, p. 62-64, jul., 2009.

MELONI, Adaliza. **Currículo e ensino de geografia: análise da implementação do programa São Paulo faz escola**. 2013. 122 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/96362>>. Acesso em: 22 de ago. 2016

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Trad. Ernani F. da F. Rosa – 3. Ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias**. Coordenação Geral, Fini, M. I. ; Coordenação de área, Miceli, P. 1. Ed. Atual. São Paulo: SE, 2012.

SOUZA, V. C., ZANATTA, B. A. Concepções de Prática de Ensino e Formação de Professores de Geografia.. In: Dalva E. Gonçalves Rosa [et al.] **Formação de professores: concepções e práticas em Geografia** – Goiânia: E. V., 2006.



SPRINGER, K. S. S, SOARES, E. G. **A pedagogia de projetos como alternativa metodológica às práticas tradicionais no ensino de geografia.** Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/614_359.pdf> Acesso em: 20 de ago. 2016.

